

A UFRJ no marco da abertura e diversificação do ensino superior brasileiro: significados sobre a escolha de carreira na Medicina e transformações identitárias

UFRJ within the framework of the opening and diversification of Brazilian higher education: meanings about career choice in Medicine and identity transformations

Anatácia Sena de Arruda

UFRJ

anastaciasenadearruda@gmail.com

Daise Pires

UFRJ

daisepires@gmail.com

Vera Helena Ferraz de Siqueira

UFRJ

verahfs@yahoo.com.br

Resumo

A implementação das políticas inclusivas na universidade introduz um novo alunado com uma crescente diversidade de condição econômica/social, etnia, raça, gênero, e identidade religiosa. Presenciamos no curso de medicina alunos de realidades diversas, com novas ideias, opiniões e experiências. Frente a este novo cenário multicultural, buscamos analisar como os/as estudantes de medicina da UFRJ vêm significando possíveis mudanças nas suas identidades como alunos e futuros profissionais. Identificamos que o novo ambiente multicultural está provocando mudanças importantes na cultura da faculdade de medicina, no perfil de seus alunos, no currículo do curso, com um afastamento da visão hospitalocêntrica. Evidenciam-se (des)construções do “modelo” idealizado do que seria o “médico ideal” e uma certa “liberdade” de escolha, com a ampliação da visão dos entrevistados sobre as possibilidades de especialização disponíveis e a percepção de caminhos antes invisíveis que poderiam estar sendo percorridos.

Palavras chave: políticas educacionais inclusivas, multiculturalismo, formação médica, identidade profissional

Abstract

The implementation of inclusive policies in the university introduces a new student profile with a growing diversity of economic / social condition, ethnicity, race, gender, and religious identity. We witness in the medical course students of diverse realities, with new ideas, opinions and experiences. Facing this new multicultural scenario, we sought to analyze how the UFRJ medical students are signifying possible changes in their identities as students and future professionals. We identified that the new multicultural environment is causing important changes in the medical school's culture, in the profile of its students, in the curriculum of the course, with a departure from the hospital-centric vision. IT was evidenced

a certain deconstruction of the idealized "model" of the "ideal doctor" and a certain "freedom" of choice, with the widening of the view of the interviewees about the possibilities of specialization available and the perception of previously invisible paths that could be traversed.

Key words: inclusive education policies, multiculturalism, medical education, career choice, professional identity.

Introdução

Este trabalho está inserido em um estudo iniciado em 2011, “Deslocamentos sócio culturais contemporâneos, saúde e educação” (apoio CNPq, Capes, FAPERJ e FUJB), desenvolvido no Programa de Pós Graduação Educação em Ciência e Saúde/NUTES/UFRJ, voltado à análise de processos de subjetivação de professores (as) e alunos (as) em relação aos discursos e práticas que concernem à inclusão de alunos (as) de segmentos sociais anteriormente excluídos da universidade.

Com a introdução das políticas de inclusão nas universidades um cenário de mudanças coloca novos desafios para professores/as, alunos/as e demais membros da comunidade acadêmica. Os/as estudantes que fazem parte desse novo tipo de configuração apresentam uma crescente diversidade geográfica, de condição econômica/social, etnia, raça, gênero, e identidade religiosa. Esse multiculturalismo atrai confrontos, com (re)conhecimento de novas realidades, antes ignoradas pelas “bolhas universitárias”.

Dentre a ampla produção recente sobre multiculturalismo/novas políticas de inclusão, ressaltamos trabalhos como de Santos et al (2008) e Ferreira e Mattos (2007), que apontam o favorecimento da convivência entre estudantes de grupos raciais e classes diferentes, por viabilizar a revisão e a condenação de preconceitos e discriminações, possibilitando a construção e reconstrução identitária dos indivíduos.

Como apontado em Wickbold e Siqueira (2018) a cultura da UFRJ é muito tradicional, o que pode ser evidenciado por sua resistência a mudanças. Um exemplo foi sua demora de aproximadamente 20 anos para aderir à estrutura departamental introduzida pela reforma de 1946. Até meados dos anos 1970, a UFRJ ainda tinha sua estrutura baseada pelo regime de cátedra vitalícia. O curso de medicina, que aqui focalizamos, é paradigmático dessa cultura. As mencionadas autoras dão exemplo mais recente ao citarem que matéria de Rubem Berta (2004) inclui depoimento do então diretor da faculdade de medicina em que declara sua posição contrária às cotas, argumentando que esta medida iria aumentar o risco de precarização do ensino e a evasão no curso. Tal discurso remete a características do currículo desse curso, reconhecidamente ainda marcado por visões curativas e biologicistas, colocando em um segundo plano a formação cidadã dos seus alunos.

Assim, temos por hipótese que as recentes transformações nos perfis dos estudantes de Medicina têm desdobramentos na sua formação e conseqüentemente no futuro exercício profissional. Nosso interesse recai sobre a identificação de possíveis mudanças nas atitudes e valores do alunado, em como significam sua escolha profissional e seu papel como futuro/as médico/as, buscando uma inserção profissional mais alinhada com as necessidades sociais ou carreiras pautadas na ascensão financeira e no reconhecimento profissional. Tais aspectos se relacionam a possíveis mudanças na “cultura” marcada pelo tradicionalismo da UFRJ e de sua Faculdade de Medicina. Em que medida esta vem resistindo e/ou se transformando frente às mudanças introduzidas com as recentes políticas inclusivas?

Com esses aspectos em vista, temos por objetivo analisar como as identidades dos/as estudantes de medicina da UFRJ vêm se (trans)formando frente ao novo cenário multicultural

na universidade: como significam possíveis mudanças nas suas identidades como alunos e futuros profissionais?

Referencial teórico

O estudo se apoiou em noções do campo dos estudos culturais, em sua vertente pós-estruturalista. As categorias centrais foram cultura e identidades.

Seguimos Stuart Hall (2011) em seu entendimento de cultura como o local de criação e troca de significados dentro de um grupo ou sociedade, sendo relacionada a sentimentos, ideias e ao senso de pertencimento. Em outras palavras, cultura se refere ao conjunto de coisas (que contém sentidos) e de processos (práticas) que são produzidas e compartilhadas num determinado grupo ou sociedade.

Para subsidiar nossa reflexão sobre construções identitárias, novamente nos apoiamos em Stuart Hall (2005), para quem a identidade, hoje, é (trans)formada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados pelos sistemas culturais que nos rodeiam. Para Hall:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmice que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2005, p. 109).

A identidade profissional do estudante merece atenção. Ela ocorre em um dado contexto institucional, sendo influenciada por sistemas de representação vigentes, por significantes que constroem valores, alinhamentos e atitudes, informando opções quanto à residência médica, a uma futura especialização etc.

O entendimento da escolha de determinada especialidade na medicina remete às experiências vivenciadas pelos alunos no seu percurso curricular. Ceccim e Ferla (2008) enfatizam a relevância de uma mudança paradigmática na formação dos estudantes de medicina, propiciando o desenvolvimento de futuros profissionais com o apreço por um sistema de saúde que preze não só pelo atendimento ao usuário, mas pelo atendimento humanizado. Em outras palavras, refere-se a profissionais detentores de habilidades, conhecimentos e valores capazes de fazer funcionar um sistema de saúde relativo à vida de todas as pessoas, colocando a qualidade de vida na antecedência de qualquer padrão técnico a apreender ou a exercer. Ressaltamos a importância de que, na formação médica, o ensino das ciências se alinhe à medicina social, estabelecendo relações e admitindo as influências das condições econômicas, políticas e sociais.

Método

Adotamos uma abordagem qualitativa, a qual se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, e visa a um aprofundamento de significados e não generalizações. Ou seja, esta abordagem trabalha com o “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 21).

Os sujeitos do estudo foram alunos/as cotistas e não cotistas, do último ano do curso de Medicina da UFRJ¹, pela possibilidade que têm de avaliar possíveis mudanças nas identidades profissionais dos alunos e por já estarem, nessa fase do curso definindo os rumos profissionais que seguirão. Foram feitas 5 entrevistas, sendo 3 com não cotistas (2 homens e 1 mulher) e 2 cotistas (mulheres, cota social).

Como instrumento de coleta dos dados empregamos entrevistas semi estruturadas, que como indica Flick (2009) definem um assunto concreto e as respostas são deixadas em aberto. A técnica utilizada para identificar os participantes da pesquisa foi a de snowball sampling (“Bola de Neve”), onde, de acordo com Wha (1994, apud BALDIN e MUNHOZ, 2011) os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto, o “ponto de saturação” atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa.

Para interpretar os dados, nos orientamos pela Análise de Conteúdo (AC), com base na metodologia proposta por Bardin (2011). Este método foca os conhecimentos construídos com a interpretação dos dados, buscando desvelar o que está oculto pelos conteúdos apresentados.

Respeitamos os aspectos éticos, com a aprovação pelo comitê de ética, autorização de uso das entrevistas por meio do termo de consentimento e o uso de nomes fictícios, garantindo o anonimato.

Foram contempladas questões sobre a escolha profissional após a graduação: os motivos, contextos, as necessidades que levaram a essa escolha e as expectativas profissionais. Ênfase foi dada a como os participantes relacionam essas escolhas, expectativas, etc. às novas experiências e relações estabelecidas com os alunos cotistas em uma turma diversificada (social, econômica, racial e de gênero).

Resultados e Análise:

Transformações importantes em ideias e novos alinhamentos identitários são atribuídos à oportunidade de vivenciar uma experiência que rompe com o paradigma biomédico, curativo, ainda prevalente no ensino médico. A percepção de uma medicina “mais humanizada”, e de um “trabalho gratificante” são elementos que passam a integrar as identidades das alunas, e que devem ser resguardadas, independentemente das futuras opções de carreira.

Todo mundo ao longo da graduação fala mal de uma especialidade primária, mas aí quando a gente vai, percebe que o trabalho é muito gratificante (Ana, cotista, 12º per.).

O que eu espero é que eu não perca essa coisa que eu peguei na Medicina de Família de aprender a ouvir mais, entender a realidade dele, mesmo que eu não esteja mais inserida no ambiente da Medicina de Família, eu consiga trazer essa visão mais humanizada (Talita, cotista, 12º per.).

¹Nos dois últimos anos de graduação em Medicina os estudantes participam do Internato que consiste na realização de atividades práticas e teóricas com atendimento à população nas grandes áreas de atuação médica: Clínica Médica, Cirurgia Geral, Pediatria, Ginecologia e Obstetrícia, Medicina da Família e Comunidade.

Há uma “cultura” institucional e da faculdade de medicina, que afere maior prestígio a algumas especialidades em detrimento das outras. A escolha profissional é, assim, tensionada na medida que alunos e professores alinhados à “medicina tradicional” resistem aos novos alinhamentos identitários de alunos identificados com carreiras tradicionalmente não tão valorizadas como a Pediatria e/ou de cunho social como a Medicina da Família e Comunidade - MFC.

Pediatria que tava bem jogado pra trás assim, tem muita gente querendo fazer Medicina de Família e Comunidade. Muitos pensam hoje em dia, todos os internos que eu converso ficaram balançados. Não sei se futuramente vão realmente fazer porque até **os professores do HU [Hospital Universitário] ajudam a disseminar a ideia de que Medicina de Família não é tão prestigiada, você vai ser médico de nada, isso é muito martelado no HU que é uma medicina de especialista.** Quando você sai, você pensa diferente, mas aí quando volta... Aconteceu isso comigo, **eu saí do PSF falando que tinha amado, quando voltei pro HU, eles escrachando PSF, você fica meio dividido. Tem muito conservadorismo dentro** (Ana, cotista, 12º per.).

É possível perceber uma resistência ao discurso que valoriza sobretudo a obtenção de status na escolha da especialização. Nesse sentido, na fala acima, é estabelecida uma crítica a “professores do HU” por atribuírem àqueles/as que se identificam com MFC um lugar inferiorizado dentro da medicina. Ressalta-se a interpelação feita por professores nesse sentido: “Você vai ser médico de nada” caso se identifique com opções de cunho mais generalista.

Com o ingresso de cotistas na graduação, muitos provenientes de regiões menos privilegiadas urbanas ou do interior das cidades, alunos que frequentemente são usuários do sistema público de saúde, novas experiências adentram o currículo e novas relações se estabelecem.

Como já mencionado, segundo Hall, as identidades são construídas dentro do discurso, em locais históricos e institucionais específicos. Assim, as transformações percebidas no processo formativo, como aparecem na fala a seguir, devem ser entendidas no contexto das novas políticas educacionais que modificam as “realidades” experimentadas pelos estudantes e os espaços de sociabilidade universitários:

A faculdade mudou muito, com certeza positivamente. **Você via turmas que não tinha um estudante negro, um estudante que não morava pra cá do Rebouças.** Agora está cada vez mais diversificada, acho que é muito importante e acho que **permite que a gente possa identificar situações que as turmas passadas deixavam passar: professor que seja homofóbico, que seja machista, que tenha discurso classista. A gente consegue identificar isso melhor e melhorar de fato a educação da nossa faculdade.** [...] Com certeza o Enem e principalmente as cotas... Acho que **sem o Enem, que acabou com o vestibular da UFRJ, e sem as cotas, que de fato popularizaram a universidade, isso seria impossível.** A gente continuaria sendo aquela faculdade de gente branca que mora na zona sul (Teo, não cotista, 11º per.).

Na fala acima, há o reconhecimento de um maior agenciamento dos estudantes, relacionado às políticas inclusivas. Seguimos Candau (2008) quando afirma que as ações afirmativas são estratégias orientadas ao “empoderamento”, fortalecendo grupos marginalizados para que

estes possam lutar pela igualdade de condições de vida em sociedades marcadas por mecanismos estruturais de desigualdade e discriminação.

Observam-se modificações recentes no currículo do curso de Medicina da UFRJ, como o aumento do internato obrigatório em MFC, a inserção dos alunos na prática desde os primeiros períodos da graduação, a inclusão de sujeitos antes excluídos, o que favorece novas experiências, como pode ser constatado nas falas abaixo. Para se pensar nos “efeitos” das vivências curriculares é importante remeter à noção de currículo conforme vem sendo (re) significado nas últimas décadas, por autores como Silva (2006) e Macedo (2006), que o entendem como uma arena de construção identitária, como lugar de produção de sentidos e significados, permeado por relações de poder.

Eu acho que PSF foi uma coisa q todo mundo tava com muito preconceito, em geral, e quando foi pra PSF gostou de alguma forma. [...] **aquelas pessoas que tão ali no meio, acho que teve mudança importante sim. Todo mundo passou a enxergar PSF diferente**, porque antes tinha muita reclamação porque, antes era pouco tempo e passou para 6 meses pra gente, então teve muita reclamação antes. Então quando chegou em PSF houve uma mudança sim daquelas pessoas que estavam no meio termo, mas aquelas que já estavam na classe mais elevada continuaram. Não percebi muita diferença não (Ana, cotista, 12º per.).

Eu lembro que quando eu entrei, fui da primeira turma 100% SISU e tinha uma quantidade bem maior de cota social, eu vi nitidamente durante a graduação uma mudança no perfil dos alunos. **Eu entrava no centro acadêmico e não tinha pessoas negras, as pessoas tinham um foco grande em ascender profissionalmente, ter um salário que satisfizesse as pretensões e, ao longo da faculdade, conforme foi mudando esse perfil, eu vi que tinha muito mais interesse em participação política dos alunos, mais debate na faculdade sobre outras questões que não fosse a Medicina, dessa coisa hospitalocêntrica, biomédica, falando sobre importância do SUS, preconceito. Mudou muito!** Parte dos professores foi meio 8 ou 80, alguns ficaram muito satisfeitos e abraçam essa mudança e outros resistiram de forma agressiva até (Hugo, 11º per., não cotista).

Na fala a seguir atribui-se uma valoração positiva a uma maior proximidade em termos de classe social, raça e etnia entre os médicos e seus pacientes devido ao ingresso desses novos sujeitos. Ver-se, assumir-se como “diferente” em relação ao que é tradicionalmente considerado “normal” na Faculdade de Medicina faz parte desse deslocamento.

Eu vejo muita gente, [...] comentando nas redes sociais sobre **pacientes que ficaram muito felizes em ser atendidos por médicos que se parecem mais com eles**. Pacientes que falam: nossa, você **mora no mesmo bairro que eu, você mora na mesma comunidade que eu**. Colegas que são da Maré, crianças que ficam felizes por ver a colega atendendo com cabelo Black Power pedem pra tirar foto e falam "nossa, ela é médica, eu posso ser médica (Bia, 12º per., não cotista).

A necessidade de mudanças curriculares também é enfatizada, com a inclusão de conteúdos que contemplem os principais problemas de saúde da população e a sua diversidade.

Considerações Finais

De forma geral, é possível afirmar que as falas dos alunos ressoam acontecimentos que ocorreram nos últimos anos, como a inclusão da política de cotas na Universidade e mudanças curriculares.

Identificamos que o novo ambiente multicultural - também propiciado pelo Enem/Sisu - é percebido como influente na introdução de novas experiências e valores, mais colados à realidade do país e aos problemas com que se defronta a população. São identificadas mudanças importantes na Faculdade de Medicina: no perfil de seus alunos, no currículo do curso, com um afastamento da visão hospitalocêntrica e, até certo ponto, em sua cultura.

Um outro aspecto que merece destaque se refere à ampliação na visão dos entrevistados sobre as possibilidades de especialização disponíveis. Vimos que especialidades menos valorizadas como Medicina da Família, ganham visibilidade e passam a ser consideradas como passíveis de escolha. Tal percepção de mudança é relacionada pelos alunos a uma mudança no perfil principalmente do alunado com as novas políticas inclusivas.

Lembramos Woodward, quando afirma que “As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (Woodward, p. 55), e nesse sentido ficaram evidenciados processos de construção identitária dos alunos, ao ocuparem “lugares de sujeito” não alinhados ao discurso tradicional da Faculdade de Medicina, resistente a mudanças. Nesse sentido, evidenciam-se (des)construções do “modelo” idealizado do que seria o “médico ideal” e uma certa “liberdade” de escolha, de perceber caminhos antes talvez invisíveis que poderiam estar sendo percorridos.

Referências

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **Snowball (Bola De Neve): Uma Técnica Metodológica para Pesquisa em Educação Ambiental Comunitária**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10., 2011, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Pucpr, 2011. p. 329 - 341. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

FLICK, U.. Entrevistas. In: FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Cap. 13. p. 144-163.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p.45-56, abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>. Acesso em: nov. 2016.

CECCIM, Ricardo Burg; FERLA, Alcindo Antônio. Educação e Saúde: Ensino e Cidadania como Travessia de Fronteiras. **Trabalho Educação Saúde**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 233-257, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462008000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 dez. 2016.

FERREIRAS, Ricardo Franklin; MATTOS, Ricardo Mendes. O afro-brasileiro e o debate sobre o sistema de cotas: um enfoque psicossocial. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 46-63, mar. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000100005. Acesso: 24 set. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

Hall, S. Quem precisa de identidade? In: Silva, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 103-133

MACEDO, Elizabeth. Currículo: Política, Cultura e Poder. **Currículo sem Fronteiras**, vol. 6, nº 2. Dez. 2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss2articles/macedo.pdf>. Acesso em: 18 set. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social - Teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SANTOS, Sales Augusto dos; CAVALLEIRO, Eliane; BARBOSA, Maria Inês da Silva; RIBEIRO, Matilde. Ações afirmativas: polêmicas e possibilidades sobre igualdade racial e o papel do estado. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n. 3, p. 913-929, dez. 2008. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000300012 &script=sciabstract &tlng=pt>. Acesso em: 24 set. 2018.

SILVA, Tomaz T. **Documentos de identidade. Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WICKBOLD, Christiane Curvelo; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Política de cotas, currículo e a construção identitária de alunos de Medicina de uma universidade pública. **Pro-Posições**. 2018, vol.29, n.1, pp.83-105. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-73072018000100083&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: set. 2018.

Woodward, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.